

SEM RUMO PELA PELE

Deus mói o nosso pobre barro
e na sua linguagem há
um homem que amanhece,
com os seus lábios de sal,
auroras de urnas lânguidas,
tecendo buracos de marfim
ao corpo de uma aurora.

O seu sotaque trivial de escombros
em odes ao teu sangue se balança
para os seios da aurora,
adivinhando um vendaval de beijos
num silêncio mudo
de órficos lutos verticais
e de aspeto mutável,
pronunciado.

Vidrado
transita sobre o papel
advérbios quebrados
de tempo agudo.

Ressoa o cristal dos seus olhos
e banha o seu corpo nas valas
de cálculos noturnos.

Sem rumo pela pele,
embriagado,
luta um raio de pão
e acelera as noites taciturnas
à frente da grade
com estrume de estrelas maciças
Sem lua
sem pele,
sem veias,
sem nada.

(Mar e Sombra 1998)
Ramón Uzcátegui M., sc
(FOTO: [Johannes Plenio](#))

